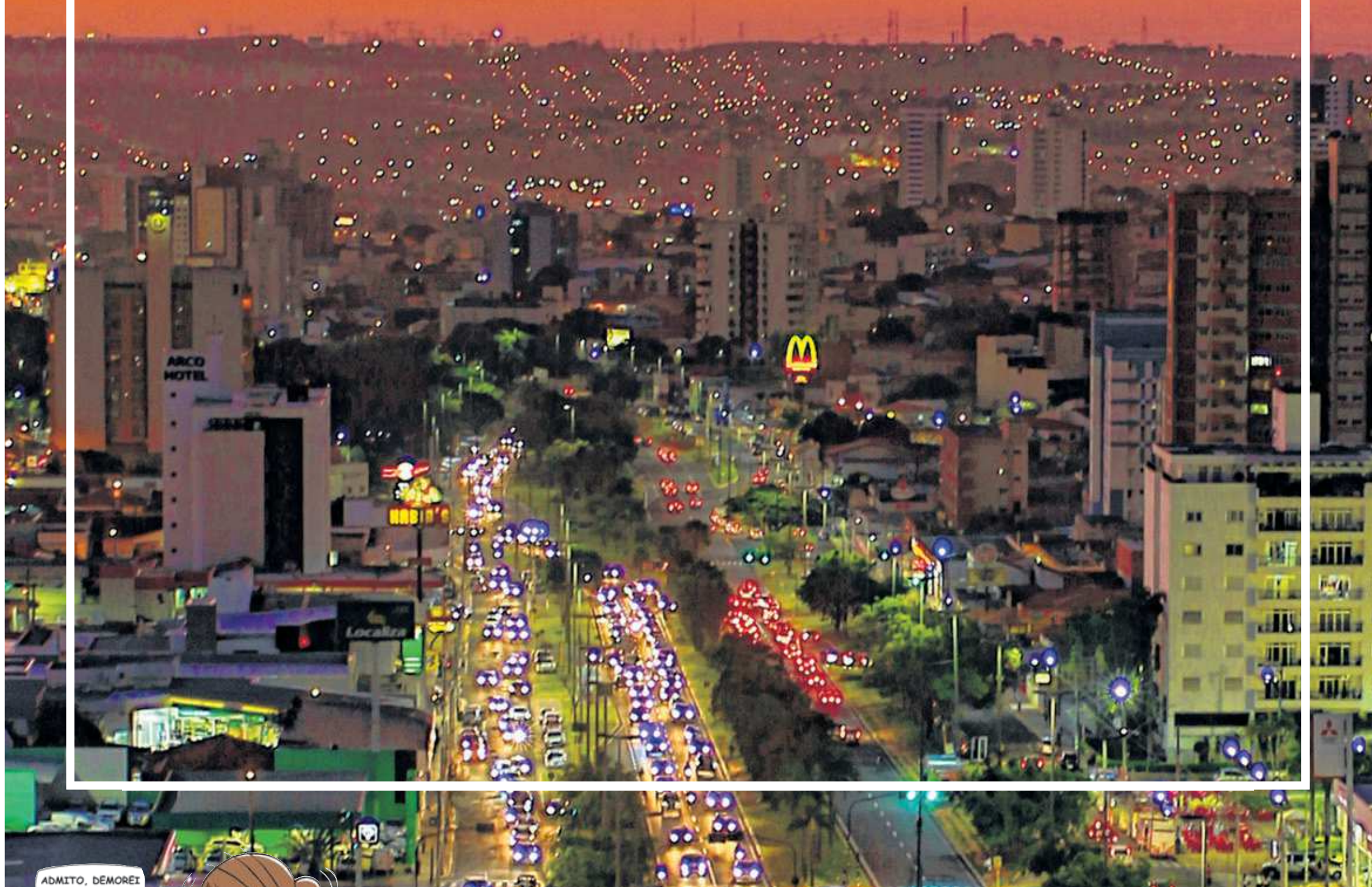




Perspectiva 2016

O ano do 'faça você mesmo'

É voz corrente que 2016 não será um ano fácil. Mas também não adianta ficar “chorando pelo leite derramado”, como diz o ditado. O tema, inclusive, é conteúdo do anúncio de Ano Novo do JC, veiculado na edição de hoje: “Agora é tempo do ‘Vamos fazer nós mesmos’ o nosso feliz Ano Novo”.



ADMITO, DÊMOREI
PRA PERCEBER...



Retrospectiva 2015

2015 não foi um ano fácil. Muita gente soltou rojões - literalmente - quando ele acabou. O ano foi difícil em todos os sentidos. E duas tragédias em particular abalaram o Brasil e o mundo: o rompimento de barreira da Samarco, em Mariana (MG), e o atentado terrorista em Paris. Relembre nesta edição um pouco do que marcou o ano que passou.

Menos 'chororô', mais ação!

Dizem por aí que 2016 não será um ano fácil. Mas dizem também que não será tão difícil para alguns setores. Dizem que, no campo político, haverá emoção para todos. Mas dizem que emoção mesmo caberá a nós, pobres mortais, que teremos de lidar com a emoção de ver preços subindo e empregos sumindo. Não há como negar: 2016 já começou meio "coisado", como diz meu sobrinho, Neto, de 5 anos, quando um carrinho não está funcionando muito bem... Mas não pensem que o Neto coloca o "carrinho coisado" de lado. Ele invade - literalmente - a caixa de ferramentas do meu pai,

Nenê, e logo acha alguma coisa para "descoisar" o carrinho... Está certo que não será tão fácil "descoisar" a situação política e econômica vivida atualmente pelo País. Mas como diz o economista Reinaldo Cafeo - em artigo na página 4 desta edição -, alivia o fato de saber que a economia é cíclica e em determinado momento a recuperação virá. Por isso, cada um de nós, bem ao estilo "faça você mesmo", tem de deixar a lamentação de lado e buscar caminhos que nos permitam ir em busca de dias melhores. Tem coisa ruim vindo por aí? Tem. Mas também tem muita coisa boa.

Nesta Perspectiva 2016 você vai

ver, entre outras coisas, que "luxos acessíveis" são tendência. A nova onda é um "faça você mesmo" mais elaborado, consumo compartilhado de carro, casa na praia, bicicleta... sem consumismo exagerado. O ano também deve confirmar que o hip-hop é o novo rock e que o rock é o novo jazz. E que "coisas do outro mundo" vão invadir a Terra quando o assunto é tecnologia. Portanto, como diz o mestre Zarcillo Barbosa nesta página, só nos resta confiar em dias melhores em 2016, mesmo porque temos o dever de sempre acreditar no futuro.

Giselle Hilário



ZARCILLO BARBOSA

Dias melhores virão

O que haveria de dar errado no País já aconteceu em 2015. Só nos resta confiar em dias melhores em 2016, mesmo porque temos o dever de sempre acreditar no futuro. Afinal, é o lugar onde pensamos passar o resto das nossas vidas. O novo ano começa melhor do que o falecido só pelo fato do Congresso estar em recesso até o dia 2 de fevereiro. Estamos livres de escândalos e baixarias nesse interregno.

A inflação já está em dois dígitos. Com toda a certeza, a nova equipe econômica não vai conseguir que o IPCA chegue a 100%, em apenas 12 meses. Os juros nos Estados Unidos aumentaram e quem tinha de levar o dinheiro para investir em papéis do Tesouro americano, já o fez. A recessão está aí. O desemprego também.

O que mais pode acontecer de errado no ano que acabou de nascer? Impeachment de Dilma? Jamais... O relator do processo capitulou. Defende a tese de que "pedalar" não é crime, apenas um verbo que pode ser conjugado por todos - presidente, governadores e prefeitos. Nelson Barbosa é o novo ministro da Fazenda, justamente um dos autores das pedaladas da presidente Dilma, que deixou uma conta de 57 bilhões de reais para ser paga aos bancos oficiais. Para o mercado, Barbosa não tem a menor importância. Ao formular a chamada "Nova Matriz Econômica" o ministro cometeu todas as lambanças possíveis a um amador. Se estivesse tecnicamente preparado jamais

aceitaria o lugar de Joaquim Levy. Tudo leva a crer que o passado intervencionista de Barbosa vai nos possibilitar um final de ano sem novidades. Mesma recessão, inflação e desemprego. Pior do que está não fica (Tiririca). No Horóscopo Chinês, a partir de fevereiro entraremos no ano regido pelo Macaco. Depois de pular de galho em galho e comer bananas, pagaremos o mico. Como sempre.

De uma coisa poderemos nos regozijar, com toda certeza: estamos livres da possibilidade de Michel Temer assumir o lugar da princesa Dilma nesta versão tupiniquim de Guerra nas Estrelas. O mordomo vai sair de cena sem nunca ter entrado. A Operação Lava Jato já comprometeu o PT, o PMDB e o PP. Incluiu também o PSDB e o DEM. Todos os principais partidos nivelados na mesma lama. O Japônês da Federal pode ficar sem serviço depois do Carnaval. Vai virar boneco gigante em Olinda, mas sem chances de desbancar o Pixuleco.

Mesmo desconhecendo a posições dos planetas e a influência dos signos zodiacais sobre o futuro, em nível local sou capaz de fazer algumas previsões sem medo de errar. Por exemplo: haverá inundações na avenida Nações Unidas, nos trechos conhecidos e em alguns novos, a partir da Primavera. Número de pacientes infectados pelo mosquito aedes baterá novo recorde. Zica, chikungunya e os casos de microcefalia provocarão colapso no abastecimento de repelentes nas farmácias e supermercados. Haverá novo atraso nas obras

da Estação de Tratamento de Esgoto.

A empreiteira pedirá aditivo contratual alegando a necessidade de obras complementares. Metade da cidade ficará sem água por causa do baixo nível do Batalha.

O preço da comida está bastante alto, mas vamos aprender a cozinhar gastando pouco. Vem aí o MasterChef da Band, com seis meses de duração; o SBT vai armar uma competição só para churrasqueiros e a Record cuidará da sobremesa, com a Batalha dos Confeiteiros. Ana Maria Braga demonstrará que talo de cenoura dá um excelente recheio de torta salgada. A parte menos apetitosa da previsão: aquele distrito de Mariana continuará na lama. Dilma se vestirá de branco no Réveillon em homenagem à paz, e de amarelo em algum lugar oculto, para dignificar o dinheiro. A cor da alma continuará a mesma. Essa não dá para modificar.

A redenção do annus horribilis de 2015 aumenta em muito a sua chance de dias melhores, com a decretação do Ano Santo da Misericórdia pelo papa Francisco. De qualquer forma, sinto-me garantido pelo céu. Segundo os astrólogos, o planeta Júpiter penetra (wow!) em Virgem, que é o meu signo. Como sou do segundo decanato, Júpiter vai me dar toda a coragem para chutar o pau da barraca.

O autor é jornalista e articulista do JC



VITOR OSHIRO

Por um 2016 com menos 'in'

2015 não foi um ano fácil. Teve crise de tudo: econômica, política, moral, democrática, intestinal (essa foi particular e bem no dia do meu aniversário) etc. Teve tragédia em barragem. Teve Estado Islâmico. Teve dengue, muita dengue. Teve zika. Teve Cunha. Teve Dilma fazendo o País pedalar. Teve um futebol longe de esboçar qualquer recuperação ao 7 a 1 de outrora. Teve até o lançamento de '50 Tons de Cinza' nos cinemas. É... foi um ano pesado.

Que a leveza pese mais em 2016. Que os exemplos - muitos vistos aqui, nas páginas do JC - de pessoas que driblaram os problemas e seguem felizes sejam mais e mais frequentes. Que, em geral, seja um ano com muito menos "in".

Com menos insatisfação diante do que temos. Com menos intolerância diante das diferenças

(até com os fãs de '50 Tons de Cinza'). Com menos incoerência ao defender ideias cruéis.

Com menos importância ao que não merece deusas importância. Com menos indiferença diante das injustiças. Aliás, com menos injustiça. Com menos 'inbox' e mais conversas cara a cara. Com menos insegurança diante de viver um novo amor.

Que 2016 tenha menos inflação, infestação, indigestão (a começar pelas comilanças de fim de ano), imperfeição, imprudência, injeção, insônia, inacessibilidade, indelicadeza, importunação, incorreção, intimidação, inimizade.

Que 2016 seja igual propaganda de absorvente: livre, leve e solto. Que tenhamos tranquilidade, inventividade (tá aí um "in" que iremos precisar e muito) e graça para degustarmos o banquete de desafios que está por vir.

Antes que acabe meu espaço, "inda" dá tempo de deixar uma breve mensagem clichê que é obrigatória em todo artigo deste tipo: "Independentemente dos obstáculos, não incorra no erro de não insistir nos seus mais impensáveis e intocáveis sonhos".

PS - Reparem que, na mensagem final, usei vários "in" por puro preciosismo e para tentar impressionar o leitor sobre como sou habilidoso com as palavras! Fui! Feliz 2016 a todos.

O autor é editor do JC, jornalista responsável da TV USP Bauru e especialista em Linguagem, Cultura e Mídia

Perspectiva 2016 Retrospectiva 2015

Diretor Administrativo e de Marketing:
Renato Delicato Zaiden

Diretor Industrial e de Tecnologia:
Marco Antônio C. Oliveira

Diretor de Redação:
João Jabbour

Jornalista Responsável:
Giselle Hilário

Editor Executivo
João Pedro Feza

Editora Multimídia:
Márcia Duran

Editor de Fotografia:
Quioshi Goto

Editor Gráfico e de Diagramação:
Milton Bill Oliveira

Gerente Comercial e de Marketing:
João Carlos do Amaral

Gerente de Vendas:
Welber Augusto Pinto

Gerente Industrial:
Célio Marcos da Silva

Diretor de Arte Publicitária:
Guilherme Bueno de Mello

Coordenadora de Pós-Venda:
Kátia Ramazzina

Fotografia:
Quioshi Goto, Aceituno Jr., Alex

Mita, Douglas Reis, João Rosan, Malavolta Jr., Renan Casal

Jornal da Cidade de Bauru
Rua Xingu 4-44 - Bauru - SP

Fone (14) 3104-3104

http://www.jcnet.com.br/



PEDRO TOBIAS

Futuro nos reserva um Brasil forte

As perspectivas para 2016 não são nada boas. Infelizmente, o ano que está nascendo promete ser de muito sacrifício para todo povo brasileiro, em especial para a camada mais pobre da sociedade. O elevado índice de desemprego, a volta da inflação a dois dígitos, juros altos e a recessão, entre outros fatores negativos, produzem o pior cenário econômico das últimas décadas. Essa combinação nefasta está fazendo o Brasil retroceder no tempo e anular todos os avanços econômicos e sociais conquistados a partir do Plano Real.

Todas as previsões apontam para um ano difícil. Mas, apesar do momento ruim, não podemos desistir do nosso País. Temos de continuar acreditando que o futuro nos reserva um Brasil forte, respeitado mundo afora pelo seu poderio econômico, pela sua força de trabalho, pelas conquistas sociais sólidas e não baseadas no assistencialismo.

Apesar das projeções negativas, 2016 pode representar o início de uma nova etapa na vida do povo brasileiro. Basta lembrar que este ano é ano de eleições municipais. Estará, mais uma vez, em nossas mãos o futuro das nossas cidades.



J. F. DA SILVA LOPES

Indesejáveis ponderações destes tristes tempos

O ano acabado foi terrível como noite que não teve fim, com crise político-econômica e com a classe política, salvante exceções, acomodando-se em grande número no fundo de poço lamacento, destruidor implacável de reputações. Muitos cidadãos perderam a vida sem assistência médica, muitos outros perderam emprego e renda e quase todos perderam a esperança e a própria auto-estima. Até, por obra humana, mais que um rio praticamente destruímos uma bacia hidrográfica. Chegamos ao fundo do poço, sabendo que o fundo do poço também afunda. Tragédia total que corroe esperanças e forças praticamente sem exceções, nos arrastando para estágio letárgico e quase comatoso. Verdadeiramente marchamos com passos apreensivos.

Na sua última sessão deste trágico ano acabado, porque nunca antes na história desde País vivenciamos período com tantas tragédias político-criminosas, o Supremo Tribunal Federal, ainda com pontos de incerteza sujeitos a complementação em sede de Embargos de Declaração na abertura do próximo ano judiciário, parece ter colocado ordem para dar fim a quadro de transtornada desordem traçando roteiro a ser seguido no processo de impedimento presidencial. Mesmo com pontos importantes merecedores de futuras tentativas de esclarecimento, caberá à Câmara dos Deputados autorizar por votação qualificada que o Senado Federal instaure e julgue por maioria de votos o processo de impedimento para tirar ou manter no cargo a presidente da República. Isso significa que, numa forma de “deseleção” indireta, serão os deputados federais (representantes do povo) e os senadores (representantes dos Estados) que dirão, em algum momento no exercício de suas respectivas competências, se a presidente mantém ou perde investidura conquistada nas urnas. Isto não é tentativa de golpe ou baixa e torpe proposta de invalidação de resultado eleitoral precluso, porque, seguramente, nunca antes na história de qualquer país, inclusive deste que é nosso, ocorreu golpe assentado em regras constitucionais ajustadas e interpretadas pelo Poder Judiciário, lembrado que esperar sempre pode, porém sem mentir ou escamotear a verdade, como se tem tentado fazer.

Tais deliberações de nossas duas Casas Parlamentares decidindo sobre responsabilidades presidenciais dependerão de avaliações individuais - que se desejam justas e conscienciosas - de deputados e senadores que, acudados e atormentados pelos imensos e divergentes “barulhões” que tomarão conta de nossas ruas, resolverão, substancialmente, se a presidente, pelo que fez e pelo que deixou de fazer, tem ou não tem condições pessoais e políticas para superar a maior das crises já acontecida neste jovem país. Fundamentalmente, é isso que deverá ser julgado, resolvido e

E as mudanças mais sólidas começam pela base. Por isso, escolher bem os gestores municipais é um jeito de começar a mudar este país.

É de fundamental importância para o futuro do Brasil que nós, eleitores e cidadãos, abduquemos de interesses particulares para pensarmos no bem coletivo, naquilo que é importante para todos. A política do toma-lá-dá-cá é a política do atraso. É preciso colocar os interesses da nação como prioridade absoluta. Para que 2016 represente, de fato, a retomada do crescimento, um novo recomeço, é preciso dar espaço para políticos e partidos que têm projeto de país e não projeto de poder, para os políticos e partidos que pensam na próxima geração e não na próxima eleição, para políticos e partidos que não fazem da corrupção um método de governo, para políticos e partidos comprometidos com a ética, com o respeito ao dinheiro público e com o desenvolvimento e enriquecimento único e exclusivo do País.

Deputado e presidente estadual do PSDB

sacramentado para que se reconstrua o túnel que desmoronou e para que se possa enxergar mais à frente, recuperado o túnel, aquela pequena e tremula luz de esperança que dá forças ao povo e que desapareceu sem que ninguém mais consiga vislumbrá-la, mesmo com auxílio telescópico.

Até então, como não há crise que mereça desconsiderar sagrados e insuperáveis recessos de fim de ano resta, depois de festejar com discrição a maior das festas da cristandade, aguardar o dia a dia do novo ano, sem disparatadas euforias e sem hipocrisias. Não caem bem festas barulhentas e inconsequentes acontecendo perante alguns milhares de desempregados ou ameaçados de perder emprego e renda, ou de outros milhares que dependem de sistema de saúde cada dia mais sucateado ou, também, de multidões de aflitos que temem com fundadas e preocupantes razões tensas e perigosas incertezas futuras.

Também parece não ser muito prudente e de quase nenhum bom tom a hipocrisia de se insistir em desejar felicidades para este novo ano, sabendo quase com absoluta certeza que nele, como certa feita cruamente enfatizou Winston Churchill, poderá haver sofrimento, suor e lágrimas e, até, provavelmente também, sangue, dependendo do que possa acontecer nos inevitáveis enfrentamentos das ruas.

Na sequência das comemorações cristãs não poderá faltar fraternidade e solidariedade solidificadas no propósito de se desejar saúde e paciência a cada cidadão para acudi-lo nas aflições e momentos de dificuldades. E para contribuir para que perseverem na esperança de festejar aprimoramento das instituições políticas, afastados e banidos dos processos eleitorais o paternalismo e o messianismo que tantas expectativas e tantas frustrações têm trazido para os eleitores conscientes e preocupados em velar pela qualidade e consequência dos votos, até que chegue o tempo em que votos levianos e inconsequentes barganhados espuriamente em lastimáveis balcões de troca-troca eleitoral não mais ocorram na história deste país.

Com saúde e paciência chegará mais breve do que se possa supor o tempo em que os cidadãos desta jovem nação registrarão que das cinzas deste ano trágico brotarão forças que superarão as tragédias ocorridas e verão a luz da esperança tremular no fim do túnel, que cedo ou tarde será reconstruído. Com certeza assim deverá ser como nunca antes aconteceu na história deste país. Portanto, muita saúde e paciência para todos são os votos sensatos e puros desejáveis para afastar de nossas vidas estes bichudos tempos.

O autor é advogado e articulista do JC



SONIA BERRIEL

Que venha mais um coral municipal

Ao longo de muitos anos de atividade musical - como instrumentista, regente e organizadora de manifestações artísticas e outros tantos de magistério -, verifiquei que a fruição das artes raramente é acompanhada de uma verdadeira consciência cultural, apesar da curiosidade com que o bom frequentador procura informações que lhe possibilite um maior aprofundamento do gozo estético.

Resido em Bauru há quase 70 anos. Sou da época em que o Centro Cultural de Bauru era o celeiro das manifestações artísticas em nossa cidade, isso nos anos 1950 e 1960. De lá para cá, o avanço foi grande, enorme. Temos teatros, espaços abertos que abrigam todo tipo de atividades culturais...

Nossa cidade abraça e cultiva hoje manifestações artísticas de várias vertentes e a produção local, “prata da casa”, melhorou e aflorou em todos os sentidos. O poder público já proporciona e custeia três ótimos grupos estáveis: a Companhia Estável de Dança, a Orquestra Sinfônica Municipal e a Banda Sinfônica Municipal. E o coral municipal, promessa de campanha do prefeito Agostinho, quando virá?

Na época de Natal, percebemos, através das cantatas, quantos grupamentos corais comunitários, sacros, de entidades e independentes vicejam em Bauru.

Um coral municipal seria uma schola cantorum, trazendo mais subsídios e cursos para o desenvolvimento desse segmento. Sinto que o secretário de Cultura e sua equipe têm se dedicado a colocar espetáculos para todas as “tribos”. Precisamos seguir nessa rota e aumentar o oferecimento de espetáculos gratuitos para nossa população.

Uma grande perda para Bauru: o encerramento da Oficina Cultural que tanto atinou a cultura de nossa cidade. Espero mais e melhor para o ano de 2016. Sei que o dinheiro para a cultura é pouco, mas... Bons projetos podem fazer milagres...

No mais, um ano de 2016 muito propício para a cultura em Bauru é o que desejo. “Cidade de espantos”... onde vivo e que amo de paixão!

A autora é maestrina



ALBERTO CONSOLARO

Ano para interagir com as máquinas!

No ano novo, tenhamos a humildade de desaprender e reaprender todos os dias. Aprender é muito fácil, até bebês aprendem! Difícil é reaprender, tirar conceitos velhos e colocar novas formas de levar a vida. Desapegue!

Tudo muda, evolui e até assusta. O novo pode ser bom, acolha, entenda e agregue-o. Muitos jovens e velhos não entendem a metamorfose ambulante e vivem como zumbis reclamando da vida, culpando a crise, só falando de doenças e amaldiçoando a sorte.

Cada vez mais conversaremos com máquinas. Cientista da interação entre homens e máquinas, Pascale Fung escreveu: “Antes de compartilhar nossas vidas com máquinas, precisamos ensiná-las a entender e a imitar as emoções humanas”. Quase tive uma convulsão e falei alto: “Nossa, vão pirar as máquinas!”. Para Einstein, apenas duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana, mas admitia dúvidas sobre a infinitude do primeiro.

Os assistentes pessoais com comando de voz em celulares e computadores são encantadores, mágicos, quase humanos. Os mais conhecidos são o Siri, Cortana e Google Now. Pode fazer perguntas e tirar dúvidas sobre qualquer assunto, lhes responde precisamente e até de forma divertida. Faz ligações, escreve mensagem no zap ou email a partir da sua voz. Quer saber quais voos passam por aqui hoje? Qual autor de Sherlock Holmes? Se existe Papai Noel?

Isto acontecerá com todas as máquinas, de eletrodomésticos a carros. Saiba o preço do ingresso no teatro, mesmo que a 200km na rodovia. Qual a floricultura está aberta em Lins. Que tipo de vinho combina com o prato... Ele te orientará! Que música e quem está cantando? É só pedir!

Apple, Google e outras empresas contrataram programadores e autores para as respostas e perguntas. É incrível. Você dirá que no futuro será inevitável: não, pare, reflita! Isto é hoje, todo celular tem assistente pessoal, você que não deve estar usando! Que desperdício. Se não tens alguém para perguntar, escrever ou interagir, fale com seu assistente de voz, será uma boa companhia para compartilhar momentos!

Aplicativos ou assistentes de voz no ano novo vão se popularizar cada vez mais e ficarão próximos do que são os humanos. Interação homem-máquinas é hoje: que em 2016 todos aprendamos a aceitar, conviver e aproveitar-se deles. Claro, nem tudo é perfeito. Se perguntar: - Siri, você me ama? A resposta será: - Eu não sou capaz de amar. E eu diria: - ainda!!!!

O autor é professor Titular da USP e colunista de Ciências do JC



Fotos Públicas

Ainda que a produção não diminua mais em relação ao nível baixo de 2015, as empresas precisarão de menos mão de obra neste ano

À espera de soluções

Alguns dos grandes problemas que arrastaram o Brasil para uma das três piores crises da história da República não terão solução tão cedo

VINICIUS TORRES FREIRE

Vai ser difícil saber o que será de 2016 antes que 2015 acabe. Mas este ano não deve acabar antes de março do ano que vem. Talvez bem mais tarde. Essa piada triste quer dizer apenas que alguns dos grandes problemas que arrastaram o Brasil para uma das três piores crises da história da República não terão solução tão cedo.

Ainda que o governo de Dilma Rousseff tivesse um bom programa econômico, tal plano se torna inviável devido à crise política: a presidente tem escasso poder de decisão devido à falta de apoio no Congresso e à grande rejeição do eleitorado. Além do mais, a sociedade rejeita medidas necessárias, mas dolorosas, para atenuar a decadência econômica.

Apenas no final de fevereiro, provavelmente em março, começa a ser discutido o destino da presidente: se haverá processo de impeachment. Até lá, é improvável que a confiança de consumidores e empresários se recupere, que se

animem a comprar ou investir.

O cidadão comum tende a levar um choque no início do ano. A inflação ainda estará alta, em torno de 10% ao ano, como agora. As taxas de juros ainda devem subir mais, logo em janeiro. As contas extras do começo do ano pesarão mais sobre salários menores. Mesmo quem estiver empregado não deve ter confiança de gastar.

Ainda que a produção não diminua mais em relação ao nível baixo deste final de ano, as empresas precisarão de menos mão de obra. A taxa de desemprego deve aumentar (passar de 7% para 10,5%, na média do ano).

Medo do futuro, de dar e tomar empréstimos, menos empregos, salários menores, benefícios sociais menores, tudo isso deve reduzir o consumo pelo segundo ano consecutivo. Dado o encolhimento da economia e da incerteza sobre a política econômica, o investimento em novos negócios e instalações produtivas continuará a cair. A Petrobras, maior investidora do País, e as

empreiteiras, ainda estarão em crise; o governo ainda cortará seus gastos em obras.

A redução do investimento em novos negócios, máquinas e construções foi o maior fator de diminuição do PIB neste ano, que deve cair 3,5%. Em 2016, a queda do consumo das famílias deve ter peso maior na recessão, que deve ser de 2,5%. O contraponto a essas baixas será o comércio com o exterior. Com o dólar mais caro, os brasileiros gastam mais em produtos e serviços nacionais. A produção cresce um pouco por aí.

Caso fosse possível resolver logo a crise política e caso houvesse um programa econômico confiável, parte grande da crise evaporaria. O medo paralisante da falta de confiança no futuro transformou uma crise que seria apenas ruim no que vem sendo chamado de a "Grande Recessão" do Brasil.



REINALDO CAFELO

Economia: precisamos encontrar caminhos

Não obstante sempre ter adotado postura otimista na avaliação da economia nacional, notadamente por acreditar no potencial do mercado, não é possível projetar um ano de 2016 de recuperação da economia. Por sinal, o indicativo é que vai piorar antes de melhorar.

O alicerce desta projeção está na análise das variáveis da demanda agregada: consumo, investimentos, gastos do governo e setor externo. O modelo baseado em consumo se esgotou. Mesmo que o atual governo tente "ressuscitar" o modelo, não haverá contingente para alavancar o crescimento por esta via. A ascensão social das famílias, que migraram das classes D e E para a classe C (classe média) não se dá a todo momento. Por sinal, mais de 10 milhões de brasileiros estão fazendo exatamente o caminho de volta, ou seja, diminuindo seu padrão de vida, retornando as classes D e E. O endividamento familiar atingiu níveis preocupantes e boa parte da população, sem emprego, engrossa a fileira dos sem consumo. Renda em queda e carestia e crédito caro não estimulam o consumo, portanto, não esperemos nada por esta vertente.

Elevar os investimentos produtivos poderia ser a saída para a retomada do crescimento econômico, contudo, todas as esferas de governo e as estatais estão sem caixa para fomentar esta variável. O setor privado, por seu lado, encolheu. Mais de 60% das empresas não financeiras simplesmente não geraram excedentes para investir. O país teria que aplicar mais de 25% do Produto Interno Bruto (PIB) em investimentos produtivos e não passará dos 18% tanto em 2015 como em 2016. A recuperação da economia não virá por esta variável.

Os gastos do governo poderiam auxiliar no crescimento da economia, mas precisando resgatar a confiança dos agentes econômicos e

ainda combater a escalada da inflação, abrir os cofres públicos seria suicídio econômico, indo na contramão das reais necessidades do País, portanto, com queda na arrecadação, sendo obrigado a cortar na carne para controlar seus gastos, também não é possível esperar muita coisa por esta variável.

Desta maneira, a demanda agregada, que gera riqueza, dependerá basicamente do bom desempenho do setor externo brasileiro. O câmbio está favorável e o setor primário da economia poderá auxiliar na busca de superávit comercial. Contudo, dada a baixa representatividade das exportações no compilo do PIB, este possível bom desempenho não trará resultados na dimensão de nossas necessidades, isso sem contar que fazer comércio exterior depende da redução de custos, de produtos com valor agregado, com programa de substituição de importação e de driblar concorrentes internacionais.

Assim, pelo lado da demanda, com consumo em queda, investimentos em baixa, gastos públicos contidos e o setor externo incerto fica mais que evidenciado que a economia patinará, apresentando a indesejada dupla queda, ou seja, dois anos seguidos de recessão.

Isso tudo é confirmado quando analisamos a economia pelo lado da oferta agregada. Dos três setores da economia (primário, secundário e terciário) somente o setor primário, o agronegócio, poderá apresentar desempenho positivo. O setor industrial brasileiro agoniza, com perdas de mais de US\$ 300 bilhões nos últimos 10 anos. Há o que podemos denominar de desindustrialização em curso. O setor terciário, notadamente o comércio, depende do apetite do consumidor, e este está mais que cauteloso, conforme mencionado acima.

Resumo em 2016: estagflação, ou seja, recessão combinada com alta inflação e o crescente desemprego. Por sinal, enquanto a

inflação não estiver contida, o engessamento da economia continuará, e com ele se acentuará o desemprego.

Por isso afirmo: ainda irá piorar para melhorar. O ano de 2016 se apresenta como mais um ano perdido, isso tudo em ambiente político conturbado com ameaça de impeachment tanto na Presidência da República como na Presidência da Câmara dos Deputados.

Trazendo para o âmbito local, fica evidenciado que Bauru também terá um ano desafiador. Somente alguns segmentos do setor terciário é que manterão o nível de atividade, como são os casos que atuam nas áreas da saúde e recuperação de crédito, os demais ramos de atividade enfrentarão dificuldades, o que refletirá na arrecadação municipal, exigindo austeridade acima do praticado até agora.

O indicativo para todos nós é que sejamos capazes de, com estratégias bem definidas, usar de capacidade administrativa para encontrar os caminhos que permitam passar por este projetado cenário adverso, sem mais perdas. O "fazer mais com menos" continuará dando o tom na condução dos negócios, das finanças do lar e da gestão dos recursos públicos.

O que alivia é o fato de saber que a economia é cíclica e em determinado momento a recuperação virá. Também devemos considerar que o PIB vem caindo, mas não "zerou", portanto haverá riqueza a ser disputada. O desafio será suportar mais um ano de vacas magras com uma equipe econômica fraca e com crise política acentuada. Se o indicativo é que irá piorar para depois melhorar, redobre sua atenção em tudo.

O autor é economista e articulista do JC

PARA NÃO ESQUECER



Foi o dia em que o preço do dólar rompeu a barreira dos R\$ 4 desde o início da era do Real

AQUI E NA CHINA

Entre junho e agosto, ações chinesas sofreram queda de mais de 40%



A BESTA INFLÁVEL

Dragão simbolizando a ameaça de recessão é colocado em frente ao Congresso nacional pela Força Sindical



Lula Marques/Agência PT/Fotos Públicas

Dilma Rousseff entra o ano buscando reagrupar suas forças parlamentares e evitar a abertura do processo de impeachment

Emoção para todos

2016 só começará de fato quando estiver resolvido o óbice à normalidade do país: os destinos de Dilma Rousseff e de Eduardo Cunha

IGOR GIELOW

Transposto o portal imaginário que separa 2015 de 2016, o que o Brasil pode esperar após seu 'annus horribilis' mais agudo em uma geração?

Futurologia política é ofício arriscado, e o ano que passou provou isso. Assim, fazendo 'hedge' sobre o imponderável, é possível dizer que 2016 só começará de fato quando estiver resolvido o óbice à normalidade do país: os destinos de Dilma Rousseff e de Eduardo Cunha.

A presidente e o peemedebista que lidera a Câmara continuarão nas manchetes, em queda num precipício pessoal e institucional.

O deputado fluminense busca salvar sua pele e evitar ser afastado do cargo e do mandato – neste caso, ato contínuo, perderia a imunidade e correria o risco de ser preso no escopo da Lava Jato.

Mais importante, a petista entra o ano buscando reagrupar suas forças parlamentares e evitar a abertura do processo de impeachment. O jogo foi paralisado pela decisão do Supremo Tribunal Federal favorável ao governo na definição do seu rito, mas o tempo corre contra Dilma. Ela sabe que, uma vez instaurado o julgamento, é virtualmente impossível para a presidente afastada voltar ao cargo.

Com isso, assume Michel Temer, o peemedebista que saiu das sombras. A composição de seu eventual governo varia em torno de uma coalizão PMDB-PSDB que depende de interesses díspares de caciques tucanos para estabelecer sua solidez.

O papel da Lava Jato é central, dado que as ações do fim do ano miraram graúdos do PMDB. O partido, que sempre foi fracionado, pode herdar o poder sob risco de implodir. O trabalho de policiais, procuradores e

juízes, aliás, alterou todo o panorama.

A corrupção é uma hidra criativa, sempre pronta a gerar novas cabeças, mas a verdade é que qualquer empresário ou 'autoridade' pensará duas vezes no 'japonês da Federal' antes de praticar ilícitos. Novos lances são certos, em especial de delações ainda pouco conhecidas.

Se Dilma sobreviver enfraquecida ao impedimento, o Tribunal Superior Eleitoral não cassar a chapa eleita em 2014 e a Lava Jato não chegar à sua sala, o PMDB tende a afastar-se do Planalto de todo modo, visando a eleição municipal de outubro.

O cenário com a presidente exaurida na cadeira é tão complexo quanto o de sua saída. Com o anunciado fim da era Joaquim Levy na Fazenda, inflexões populistas à esquerda com efeitos ainda mais deletérios

na economia não são improváveis –restará saber de onde tirar o dinheiro.

O agravamento da crise econômica, que vai ocorrer de qualquer forma, poderá levantar as ruas contra Dilma. A capacidade de mobilização dos seus apoiadores também será testada, em especial os 'exércitos' de movimentos sociais e sindicatos abastecidos com verbas públicas.

Os olhos deles se voltarão então para Luiz Inácio Lula da Silva, último presidencial do PT e que mantém apoio discreto a sua ex-pupila até aqui, até por estar ocupado pelo noticiário policial.

Tudo esse enredo não inspira muita esperança no fim do filme. Mas é o que temos e, citando 'Ricardo 3º', é ela que faz de reis, deuses, e reis de criaturas menores. A emoção está garantida.



Luis Macedo/Câmara dos Deputados/Fotos Públicas

Eduardo Cunha tenta salvar sua pele e evitar ser afastado do cargo e do mandato

▶ PARA NÃO ESQUECER



US\$ 5 MILHÕES

É o valor da propina que o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, teria recebido em contratos de navios-sondas, segundo delatores

V.EX.ª ESTÁ PRESO

As várias fases da operação Lava Jato atingiram políticos e empresários

NESTOR CERVERÓ

O ex-diretor da Petrobras foi preso em janeiro e, dez meses depois, fez um acordo de delação

JOSÉ DIRCEU

O ex-ministro foi detido em agosto; ele já cumpria pena em regime aberto pelo mensalão

JOÃO VACCARI

O tesoureiro do PT foi preso em abril e pegou 15 anos de prisão por participar de esquema

MARCELO ODEBRECHT

Acusado de formação de cartel, o dono da maior empreiteira do país foi para a prisão em junho

JOSÉ BUMLAI

Amigo de Lula, foi preso em novembro acusado de participar de fraudes para ajudar o PT

DELCÍDIO DO AMARAL

O senador do PT teve prisão decretada pelo STF em novembro por propor a fuga de Cerveró

ANDRÉ ESTEVES

O sócio do BTG Pactual também foi preso por conspiração no caso de Cerveró

OTÁVIO AZEVEDO

O presidente da Andrade Gutierrez foi preso em junho por participar do cartel



Setores ligados a cuidados pessoais e beleza serão favorecidos neste ano

O efeito batom

Luxos acessíveis, cuidados pessoais e serviços compartilhados são as tendências para o ano

IARA BIDERMAN

A crise econômica deve favorecer os setores ligados a cuidados pessoais, segundo os analistas do varejo e de tendências do mercado de consumo. O chamado “efeito batom” já foi observado em outras situações de crise. Além da percepção de que é importante investir na aparência e na saúde quando a economia vai mal, o consumidor busca luxos acessíveis, diz Maurício Morgado, do Centro de Excelência em Varejo da FGV de São Paulo.

Em 2016, espera-se do consumidor um comportamento mais seletivo e mais criativo. Novas formas de consumo, como dividir moradia ou transporte, devem crescer. “A tendência é trocar a posse pelo uso. O consumidor só paga se e quando usar”, diz Sílvio Laban, professor do Insper.

Objetivos

Em um cenário em que todas as camadas da população tiveram seu poder de compra afetado, os objetos de desejo começam a ser substituídos por objetivos do consumo.

Os consumidores querem comprar algo que seja útil para a sua vida e a dos outros, aponta uma pesquisa da agência de consultoria de mercado Mintel.

“As pessoas querem ter menos coisas, mas esperam do produto benefícios palpáveis e ligados a valores como responsabilidade social e sustentabilidade”, diz Graciana Méndez, analista de tendências da Mintel. Os grandes temas socioculturais de 2015, como o feminismo e os direitos dos homossexuais, também pesam: marcas que se identificam com essas causas ganharão pontos com o consumidor, avalia Felipe Pissardo, da consultoria Box 1824.

O QUE VEM POR AÍ

INDULGÊNCIA

Em tempos de crise econômica, o consumo de produtos e serviços ligados ao bem-estar costuma aumentar. Pequenos prazeres, não tão caros (maquiagem, massager, um vinho honesto), substituem objetos do desejo de alto custo, como um carro novo ou uma viagem internacional.

CASEIRINHO

A tendência é as pessoas trocarem restaurantes por refeições mais elaboradas feitas em casa. Com isso, deve crescer o consumo de ingredientes culinários sofisticados e aparelhos que facilitem a vida doméstica, segundo Sílvio Laban, do Insper.

POUCO ESPAÇO

Todo o tipo de produto ou serviço sob demanda, que não ocupa espaço (físico ou virtual), fica mais valorizado. Vale tanto para streaming de filmes ou de música quanto para aluguel de roupas de luxo, carros ou de pratos e copos para festas.

BIG BROTHER

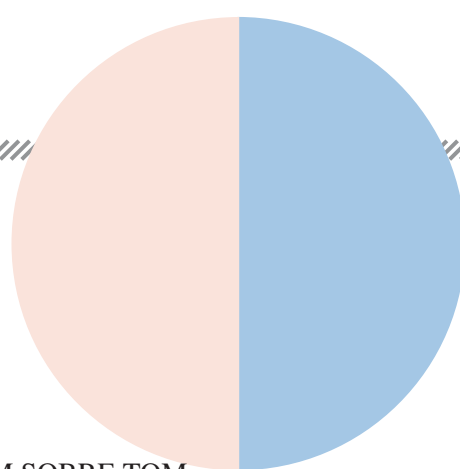
O consumidor quer saber tudo sobre o produto (de onde veio, como foi feito) e valoriza itens que mostram dados sobre sua sustentabilidade. Também deve aumentar a oferta de equipamentos que monitoram a vida do consumidor, do orçamento doméstico à saúde.

MEIO A MEIO

O consumo compartilhado, como o de imóveis do airbnb ou o de bicicletas alugadas na rua, já é tendência e vai ficar cada vez mais forte. Com isso, a procura por eletrônicos portáteis que facilitam o acesso a esses produtos e serviços vai continuar crescendo.

FAÇA VOCÊ MESMO 2.0

A tendência de fazer coisas em casa reúne os ideais de gastar menos e de consumir produtos mais personalizadas. A nova onda é um “faça você mesmo” mais elaborado: a experiência envolve estudar técnicas e produzir coletivamente.



TOM SOBRE TOM

Rosa Quartz e Serenidade (azul) são os tons de 2016. Segundo a Pantone, empresa provedora de sistemas de cores, transmitem paz e segurança e, misturados, diluem as fronteiras entre gênero.

CONSUMISTA ENVERGONHADO

Consumo ostentação ou compulsivo perde espaço. “Ninguém quer ser identificado como este tipo de consumidor, ficou ‘feio’”, diz Felipe Pissardo, do Box 1824. Ganham preferência produtos que não pareçam ser elitizados e que não sejam descartáveis.

LUXO DISFARÇADO

A divisão entre marca popular e marca de luxo deve ficar menos palpável. As grifes tentam atrair o consumidor menos por sua exclusividade do que por aspectos como durabilidade. Roupas criativas ganham mais importância do que aquelas que valorizam atributos físicos.

ROUPA

Roupas com significado, como as de brechó (contam história de uma época) ou produzidas de forma sustentável são valorizadas. Ao mesmo tempo, as lojas de “fast fashion” ficam cada vez mais fortes por oferecerem glamour a preço acessível.

SEM CLASSIFICAÇÃO

Produtos não separados por gênero (feminino/masculino) podem ganhar pontos com o consumidor. Vale para roupas, cosméticos e produtos em que essa separação força a barra (caneta para mulheres?). Maquiagem e acessórios fora do padrão também devem fazer sucesso.

CARAS NOVAS

Não há crise que faça o setor automotivo reduzir o número de lançamentos, e novas gerações de produtos estão a caminho do Brasil. Conheça alguns modelos renomados que chegarão às lojas em 2016.



Honda Civic (abril)



Kia Cerato (junho)



Toyota Prius (2º semestre)



Mulheres em atos contra proposta de mudança na lei do aborto e o presidente da Câmara Eduardo Cunha realizados em São Paulo

Insurgência feminina

A novidade está no fluxo permanente de rebelião contra o que ainda resta de machista na sociedade

CARLA RODRIGUES

Quando se olha uma manifestação política do alto, o que se vê são ondas de pessoas em movimento por ruas, praças e avenidas, formando um corpo quase-coeso. Ao mesmo tempo que as multidões se alinham em fluxo, também é possível ver cada um dos elementos que molda o conjunto. Desde de 2013, manifestações políticas se movimentam em ondas, não por acaso reprimidas pelo mecanismo do bloqueio. Uma fileira humana de policiais se forma com a intenção de impedir a continuidade do fluxo, como se fosse possível estancar as ondas das multidões.

Foram em ondas que os feminismos se configuraram ao longo da história, ondas de insurgência contra opressões que atualmente podemos chamar de desigualdade de gênero, denunciada na história política moderna desde o século 18 e hoje retomada pela nova geração de meninas nascidas sob o signo da igualdade de direitos. Embora não haja diferenças formais entre homens e mulheres, cada nova geração de mulheres adentra a vida adulta sob a experiência da submissão ao poder masculino. E, apesar de todas as ondas feministas que vêm conquistando emancipação, direito ao voto, acesso ao ensino e ao mercado de trabalho formal, nós, mulheres, ainda ocupamos o lugar de subalternidade nas estruturas sociais. Nossos corpos, nossas vidas e nossas escolhas estão marcadas pelo que no início do século 20 a filósofa francesa Simone de Beauvoir chamou de 'condição feminina'.

Há uma novidade nesta imensa onda feminista que aderiu ao movimento das ruas desde 2013, fez a chamada #primaveradasmulheres, foi para as ruas gritar #foracunha; lutou na ocupação das escolas em São Paulo; ocupou espaços públicos com a campanha #agoraéquesãoelas; organizou o movimento político #apartida, prestes a se tornar um partido feminista; mobilizou e surpreendeu as

redes sociais com os relatos do #meuprimoassedio. A novidade está no fluxo permanente que promete seguir, seja pelas ruas, seja pelas redes, em movimentos de insurgência contra o que ainda resta de machista na sociedade brasileira.

Essa é uma tarefa permanente, porque a cada geração, novas e antigas discriminações se reencontram. Palavras de ordem de hoje ecoam as de um passado não tão distante assim, ecoam também em direção a um futuro marcado por um dos slogan de #apartida: a revolução será feminista ou não será revolução. Isso quer dizer principalmente que os feminismos têm algo a nos dizer para além da crítica às especificidades dos machismos e das opressões de gênero na sociedade brasileira. Os feminismos podem nos levar a romper com formas políticas arcaicas, baseadas em sistemas de representação que construíram uma democracia cujo único objetivo é se manter no poder. Como tão bem explica o filósofo francês Jacques Rancière, as democracias ocidentais - brasileira incluída - são oligarquias mal disfarçadas, destinadas a manter no comando elites econômicas, políticas e, em alguns casos, religiosas. Todos homens, brancos, patrões.

É contra essas oligarquias, a favor de formas democráticas de participação direta, é contra a opressão, a favor da insurgência como palavra feminina que as mulheres estão de novo e mais uma vez erguendo a sua voz. Que venha 2016.

“Essa é uma tarefa permanente, porque a cada geração, novas e antigas discriminações se reencontram”

#primeiroassedio

Surpresa e constrangimento. Vergonha e medo. Culpa e coragem. Tudo isso e muito mais veio à tona durante a campanha #primeiroassédio, que surgiu em solidariedade a Valentina e se tornou uma onda de narrativas de abuso sexual vividos por meninas e jovens. Do padrasto ao anônimo, do primo ao tio, do chefe ao colega, do médico ao vizinho, homens foram denunciados como violentos em histórias e mais histórias que foram invadindo as redes sociais e reconstituindo aquilo que há muito estava recalçado. Pelas contas do Think Olga, coletivo feminista que propôs a campanha, foram 82 mil tweets sob a hashtag do #primeiroassédio.

Enquanto os relatos femininos brotavam por todas as partes, muitos homens começaram a ficar envergonhados, espantados, emocionados com as descobertas das violências sofridas por suas parceiras, amigas, irmãs, primas, sobrinhas. Cada mulher que conseguiu relatar seu #primeiroassédio colocou em prática uma das importantes bandeiras de luta desde a segunda onda feminista, nos anos 1970. 'O privado também é político' ganhou novo fôlego em tempo de militância nas redes sociais, renovou-se pela força com que nós, mulheres, expiamos em público uma culpa que nunca foi nossa.

PARA NÃO ESQUECER

Mudanças de gênero em 2015



CAITLYN JENNER

O ex-atleta mudou de sexo e, rebatizada de Caitlyn, foi capa da "Vanity Fair" e reconhecida juridicamente como mulher

VIVIANY BALEBONY

A atriz Viviany Balebony desfilou "crucificada" e seminua na Parada Gay em SP para denunciar a violência contra os LGBTs



THAMMY MIRANDA

O ator Thammy Miranda, filho de Gretchen, revelou na sua biografia que foi agredido e exorcizado pela mãe quando contou a ela que era transexual. Gretchen negou



CANDY MEL

A vocalista da Banda Uó, Candy Mel, foi a 1ª mulher trans a estrear no Brasil uma campanha em alusão ao "Outubro Rosa"

Rafael Neddermeyer/Fotos Públicas



Chuvas e calor, que favorecem a multiplicação do mosquito *Aedes aegypti*, devem levar a um aumento da circulação do vírus zika carregado pelo inseto

A sombra do mosquito

Primeiros meses do ano vão ser decisivos para o avanço do vírus zika, especialmente nas regiões Sudeste e Sul

REINALDO JOSÉ LOPES

Os primeiros meses de 2016 provavelmente vão ser decisivos para o avanço do vírus zika, em especial nas regiões Sudeste e Sul do país, cujos moradores parecem ter tido menos contato com ele até agora.

Chuvas e calor, que favorecem a multiplicação do mosquito *Aedes aegypti*, devem levar a um aumento da circulação do vírus carregado pelo inseto. À primeira vista, isso indicaria a possibilidade de um crescimento ainda mais catastrófico dos casos de microcefalia em bebês do que o registrado em 2015.

Tal possibilidade sombria pode ficar menos assustadora (ou ainda mais) dependendo de fatores por ora ainda desconhecidos. Até que ponto, por exemplo, poderia acontecer uma competição entre os vários tipos de vírus da dengue e o zika no organismo dos mosquitos, de modo a minimizar a transmissão desse 'novo' vírus?

Por outro lado, é preciso levar em conta que, na maior parte das vezes, o zika não provoca sintomas perceptíveis, o que pode significar uma quantidade enorme de gente que funciona como reservatório do vírus sem o saber.

É preciso ainda compreender direito como o zika

desencadeia problemas graves no desenvolvimento do cérebro. E tampouco há convicção sobre a fase da gestação na qual a infecção viral é capaz de causar danos ao feto.

Diante dessas incertezas, o caminho é investir, ao mesmo tempo, na geração de conhecimento sobre o vírus, com pesquisas básicas, e em métodos de controle da população de mosquitos.

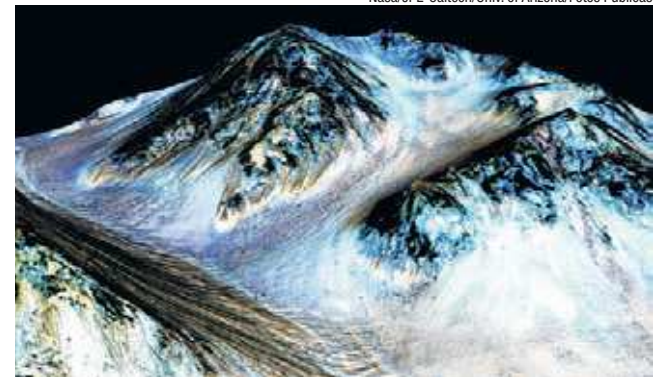
O difícil é saber se, com a economia e o governo federal em frangalhos, os recursos e a capacidade de organização necessários para atuar direito vão se materializar.

Se tudo acontecer conforme o prometido pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, em meados de 2016 estará concluída a fase pré-clínica dos testes com a fosfoetanolamina, a 'pílula do câncer'. O governo paulista anunciou testes em paralelo, ainda sem data de início.

É difícil dizer quando haverá um veredicto sobre o uso comercial da molécula. Sabe-se, porém, que a maioria das substâncias com potencial terapêutico acaba fracassando nos testes.

PARA NÃO
ESQUECER

Nasa/JPL-Caltech/Univ. of Arizona/Fotos Públicas



ÁGUAS DE MARTE

Correntes de água salgada fluem pela superfície de Marte todos os verões, anunciou a Nasa no fim de setembro. A descoberta se deu a partir da identificação de sais hidratados em ranhuras no solo do planeta. E se há água, há vida? Teoricamente, sim, já que a água líquida é um pré-requisito para tal. No entanto, essas correntes são salgadas demais para permitir qualquer forma de vida terrestre que conhecemos.

Maconha para uso próprio

O mais perto de um consenso que há nesse campo é o de que o paradigma proibicionista fracassou

HÉLIO SCHWARTSMAN

O Supremo Tribunal Federal deve retomar agora em 2016 o julgamento de um recurso contestando a constitucionalidade do artigo 28 da Lei Antidrogas, que penaliza a posse de entorpecentes para uso próprio. A perspectiva é a descriminalização do uso da maconha. Conversas de corredor no STF sugerem que o juízo terminará trazendo algum relaxamento da legislação. Uma decisão nessa linha faz sentido tático, mas fica ainda bastante aquém de uma abordagem mais racional para o problema.

A estratégia de caminhar por pequenos passos se justifica nesse terreno minado por incertezas e no qual queremos evitar grandes erros. É inegável, porém, que só deixar de impor sanções a usuários não altera em quase nada o "statu quo", que não é favorável. O mais perto de um consenso que existe nesse campo é o de que o paradigma proibicionista fracassou.

Gastam-se bilhões de dólares com repressão e encarceramento de jovens, mas a proporção de dependentes permanece estacionada. Pior, é justamente o fato de a droga ser ilegal que permite a traficantes cobrarem muito por ela e, com lucros extravagantes, contratarem exércitos de delinquentes que, em alguns países



Maj. Will Cox/Georgia Army National Guard/Fotos Públicas

da América Central, se tornaram tão poderosos que rivalizam com o poder do Estado. Percebendo o tamanho da encrenca, várias nações vêm buscando alternativas. Portugal descriminalizou a posse de todas as drogas, inaugurando uma política apontada como sucesso.

Na mesma linha seguem Espanha, Itália, República Tcheca e Holanda. Na América Latina, vão nessa trilha Argentina, México, Costa Rica e o Uruguai. Até nos EUA, que sempre foram o esteio da chamada "guerra às drogas", quatro Estados e o distrito de Colúmbia já legalizaram o uso recreativo da maconha. Para efetivamente mudar as coisas, rompendo a lógica de repressão que só alimenta os lucros do tráfico, não basta descriminalizar. Seria preciso

Supremo Tribunal Federal deve retomar neste ano julgamento de recurso contestando a constitucionalidade do artigo 28 da Lei Antidrogas, que penaliza a posse de entorpecentes para uso próprio

legalizar, estabelecendo pontos de venda e cobrando impostos. Mas, é necessário que a medida abarque todos os entorpecentes, não só a maconha. A ideia é transformar o comércio de drogas em algo parecido com o de bebidas alcoólicas em supermercados, que, se não resolve o problema do abuso (pode até agravá-lo), ao menos não gera efeitos colaterais adversos, como prisões lotadas e traficantes superpoderosos.



CÁPSULA DO CÂNCER

Em liminares, a Justiça obrigou a USP de São Carlos a distribuir a fosfoetanolamina, suposta droga anticâncer produzida em caráter experimental e nunca testada em humanos. Oncologistas e associações médicas criticaram a decisão. Após a polêmica, a Justiça recuou, em novembro. Já o governo federal afirmou que irá bancar a chamada pesquisa pré-clínica, que envolve testes in vitro e em animais.

SOB CONTROLE

Em decisão inédita, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) liberou, em janeiro, o uso medicinal do canabidiol, derivado da maconha sem efeito psicotrópico. A substância é utilizada para tratamento de crises de epilepsia, por exemplo. Assim, o composto passou a ser de uso controlado e, por enquanto, ainda depende de aval do governo para importação.



Daniel Kaluuya e Jessica Brown Findlay em "Black Mirror"

Saem os anti-heróis, fica o futuro sombrio

A pulverização da audiência avança e formatos que fogem da fatigada TV aberta se multiplicam

LUCIANA COELHO

A palavra de anti-heróis que dominou as séries mais importantes dos últimos anos, marcada por figuras como Tony Soprano, Jack Bauer, Walter White, Don Draper, Hannibal Lecter e Frank Underwood começa a sair de cena. Desses protagonistas de índole dúbia e finais pouco felizes, só o crápula de "House of Cards" volta em 2016.

Emergem as distopias, dramas num futuro soturno como "Black Mirror", que terá temporada nova, ou "Mr. Robot", "The Leftovers" e "Wayward Pines".

Também podem ser enquadradas aí as cada vez mais presentes séries de super-heróis, sobretudo as sombrias. Nesse gênero e na comédia, aliás, agora é que são elas: a onda feminina-feminista que ganhou cara com Tina Fey, Amy Poehler e Julia Louis-Dreyfus e explodiu com Amy Schumer, Lena Dunham e "Broad City" não dá



Frank Underwood (Kevin Spacey), de "House of Cards"

sinal de arrefecer –todas estarão de volta.

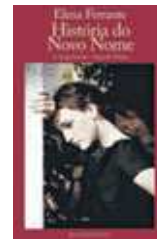
A pulverização da audiência avança. Formatos que fogem da fatigada TV aberta se multiplicam, e séries com histórias breves são a tendência capaz de capturar um público com cada vez menos atenção disponível.

A Amazon ganha fôlego na produção. Além de "Transparent" 2, vem aí a

boa "Sneaky Pete". Netflix e HBO se consolidam como referências maiores em inovação e prêmios.

Por fim, canais menores, revisitações europeias e a entrada no pátio de serviços on-line como Hulu e do site noticioso-pop "Buzzfeed" prometem oferecer mais dilemas ao espectador já ansioso diante de um cardápio de mais de 400 itens.

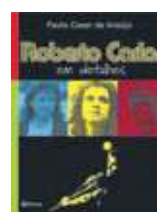
O QUE VEM POR AÍ



ELENA FERRANTE
"A História de um Novo Nome", parte da tetralogia napolitana da italiana, chega ao país em 2016. Em maio sai "Dias de Abandono" (ambos pela Biblioteca Azul).

BIOGRAFIAS

Dois personagens ganham obras sobre suas vidas: Tancredo Neves (Objetiva), feita por Plínio Fraga, e Carlos Lacerda (Companhia das Letras), por Mário Magalhães. Também será



relançado "Roberto Carlos em Detalhes" (Record), de Paulo César de Araújo, lançado em 2006 e recolhido no ano seguinte após ações do cantor na Justiça.

SVETLANA ALEXIEVICH

Também saem em português dois livros da bielorrussa Svetlana Alexievich, recém premiada com o Nobel. "Vozes de Chernobyl" (Companhia das Letras) deve sair em março e "War's Unwomanly Face", no segundo semestre.

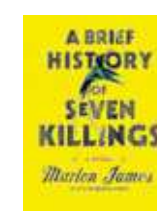


SUA SANTIDADE
"O Nome de Deus é Misericórdia" (Planeta) é o primeiro livro do papa Francisco desde que assumiu o cargo.

Baseado em entrevistas com o vaticanista Andrea Tornielli, sai em 12 de janeiro.

DITADURA

"A Ditadura Acabada" (Intrínseca) é o aguardado quinto volume da série de Elio Gaspari sobre o regime militar brasileiro.



BOB MARLEY
Com "A Brief History of Seven Killings" (Intrínseca), que narra a tentativa de assassinato do músico, Marlon James foi o primeiro jamaicano a ganhar o Man Booker Prize.



Snoop Dogg

Eminem

Emicida

Rock = novo jazz Hip-hop = novo rock

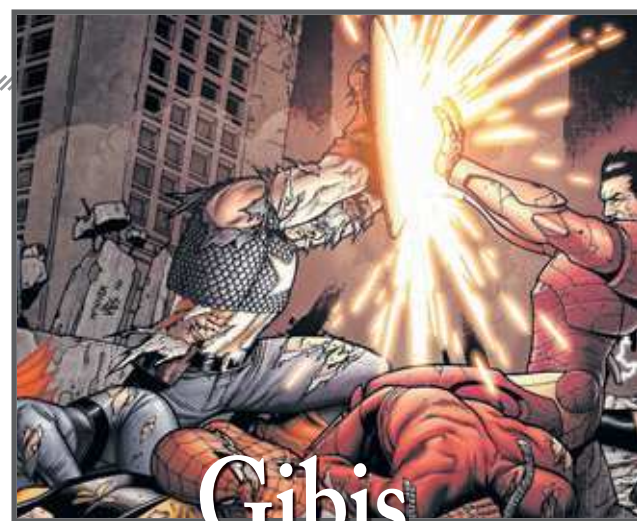
2016 deve enterrar as edições simples de CDs, DVDs e Blu-rays

THALES DE MENEZES

O ano de 2016 deve confirmar que o hip-hop é o novo rock e que o rock é o novo jazz. Depois de um Rock in Rio chocho em 2015, o Lollapalooza do ano que vem acerta a mão com a escalação de rappers e

eletrônicos. Eminem, Jack Ü, Snoop Dogg e Emicida são pontas de lança de um time que fala bem mais forte à molecada. Roqueiros grisalhos hoje têm conversas como as que os fãs de jazz mantinham, saciando seu apetite musical com coisas catadas nos baús. Se antes era discutida a gravação tal que tinha Miles Davis com Thelonious Monk, hoje o frisson pode vir de um antigo show do Deep Purple na Dinamarca mal gravado há 40 anos que sai em DVD.

É esse público que pode pagar até R\$ 1.500 para ver os Rolling Stones na pista VIP dos estádios brasileiros, em fevereiro. Preços que nem os clubes mais sofisticados de jazz do planeta conseguem cobrar. O ano que vem deve marcar o fim das edições simples de CDs, DVDs e Blu-rays. Com oferta de mais canções, séries e filmes nos serviços sob demanda, comprar mídia física só com esses produtos deixa de ser atrativo. Assim, a indústria vive cada vez mais de incrementar lançamentos com mimos, que podem ser livro, boneco, pôster, camiseta. É bom preparar os bolsos.



Gibis

Há tempos os cinemas se tornaram uma grande banca de gibis, mas nada se compara a 2016. Os quadrinhos da editora Marvel vão se espalhar em cinco longas, sendo dois da franquia X-Men: "X-Men Apocalypse" e "X-Men: Gambit". Nos dois filmes, o herói Gambit será interpretado por Channing Tatum.

Mas o destaque da Marvel é "Capitão América:

Guerra Civil", que vai colocar o herói do escudo trocando sopapos com o colega Homem de Ferro.

Parece bom? Sim, mas no quesito briga entre mocinhos a editora rival DC

Comics ataca pesado no cinema. Os dois heróis mais populares da DC – e da história das histórias em quadrinhos – também vão se enfrentar nas telas.

"Batman vs. Superman: A Origem da Justiça" parece ter potencial para redimir os altos e baixos de suas carreiras no cinema: sete longas do homem-morcego e seis do sobrevivente do planeta Krypton. Bom ou ruim, é impossível não ver.



Democracia de uma nota só

Decisão da Justiça paulista obrigou as operadoras de telefonia a bloquearem o WhatsApp em todo o Brasil por 48 horas

PEDRO BURGOS

Um ano atrás, as nossas redes sociais eram terra arrasada. Depois das eleições, as pessoas contabilizavam os amigos ‘perdidos’ e os conhecidos bloqueados e contemplavam timelines perfeitamente azuis ou vermelhas. Ficou a impressão de que transformávamos tudo em um fluxo e não tínhamos muita maturidade para discutir política no confinamento do Facebook e Twitter.

Com a proximidade das eleições municipais e o acirramento da briga pelo impeachment, há um medo de que estejamos voltando a esse estado de coisas – ou que, pior, talvez nunca o tenhamos deixado para trás.

A preocupação pode ser exagerada. Porque as diferenças partidárias, sobretudo se balizadas por uma definição bastante artificial de direita e esquerda, são contornáveis.

Basta um almoço com a velha turma, em carne e osso, e logo reatamos o papo com aquele outrora militante chato. Começamos falando mal do Cunha e logo estamos nos ocupando de questões mais democráticas, como o sotaque do Wagner Moura.

A questão é que sempre arrumamos novas maneiras de colocar as pessoas em caixinhas. E, de forma crescente, essas divisões são baseadas não em um número que marcamos na urna ou em meras ideias, mas em variadas noções de identidade. Isso ficou mais visível no último ano em várias vertentes dos movimentos feminista e negro nas redes sociais.

Se a militância por menos discriminação e igualdade de oportunidades começou aberta a todos, ela vem se fechando. Nas páginas dos grupos militantes, há um combate ao ‘roubo de protagonismo’ de quem era antes considerado ‘aliado’.

Em debates diversos, a ‘vivência’ triunfa, muitas vezes, sobre os dados. Críticas a métodos de protesto (e não ao mérito deles) são entendidas como críticas a um grupo. O caos natural dessas discussões vira conversa regrada por ‘lugares de fala’.

Tudo isso existe fora da internet, é claro, mas o efeito de filtro-bolha que as redes sociais providenciam, especialmente sobre os mais jovens, é potente.

O resultado dessas novas divisões é que uma parte importante da sociedade vai escolhendo simplesmente não participar de questões que dizem respeito, no fim, a todos.

A ideia dos ‘espaços seguros’ – lugares físicos ou virtuais criados há décadas nos EUA para que minorias se sentissem à vontade, longe de preconceituosos – se prolifera no Brasil e cria debates à prova de críticas, do contraditório e de potenciais aliados. E isso é tão perigoso para a democracia quanto o velho fluxo eleitoral.

PARA NÃO ESQUECER

O dia em que a Terra parou

Uma decisão da Justiça paulista obrigou as operadoras de telefonia a bloquearem o WhatsApp em todo o Brasil por 48 horas a partir da meia-noite de 17 dezembro. A medida foi tomada depois que a empresa se recusou a fornecer dados de um usuário para uma investigação policial – o nome foi mantido em segredo. Presidente do Facebook, dono do aplicativo, Mark Zuckerberg se disse ‘triste’ e ‘chocado’ com a decisão. Sem poder usar o programa, o jeito foi apelar para a piada: a hashtag #Nessas48HorasEuVou se tornou o assunto mais comentado no Twitter, com comentários sobre o que fazer com o tempo livre. O bloqueio acabou retirado poucas horas depois, mas isso não impediu milhões de usuários de procurarem alternativas. O aplicativo rival Telegram avisou que mais de 1,5 milhão de brasileiros baixaram o programa em poucas horas.

Coisas de outro mundo

Uma seleção de produtos e serviços que devem ser a tônica o mercado de tecnologia em 2016

FELIPE MAIA



BRIGA DE RUA

Nos games, um dos mais aguardados é “Street Fighter 5”, para PlayStation 4; o protagonista Ryu ganha a companhia da brasileira Laura

OLHO VIVO
Óculos de realidade virtual chegam com força ao mercado em 2016; é o caso do PlayStation VR, para videogame, e do Rift, do Facebook, para computadores



SEM APERTAR
Depois de um iPhone 6s “mais do mesmo”, a versão 7 do smartphone da Apple pode passar por transformações mais intensas e vir sem botão físico (com comandos só na tela) e sem entrada para fone de ouvido (tudo conectado no espaço do carregador)

DIANTE DO SOFÁ
Com preços em queda (já há modelos na faixa dos R\$ 2.500) e maior oferta de conteúdo (Globo e Netflix têm conteúdo nesse formato), as TVs 4k deixam de ser só coisa de gente muito vidrada em tecnologia

FILME-MINUTO
A rede 5G começa a ganhar forma. Em 2016, a Ericsson e a Oi devem começar a testar no Brasil a tecnologia, que promete permitir baixar um longametragem em um minuto

AR DE INTERNET
A expectativa é que empresas testem em larga escala meios diferentes de oferecer conexão para áreas remotas: o Google, com balões no Sri Lanka, e o Facebook, com drones e satélites



SMART GRANA
O Samsung Pay, sistema em que se aproxima o smartphone de uma maquininha de cartão para fazer o pagamento, deve começar a funcionar no Brasil

NO BRAÇO
O Apple Watch deve ganhar câmera frontal, e a pulseirinha Fitbit pode chegar a medir a pressão arterial





Rio de Janeiro: a sede da Olimpíada já deixou promessas de candidatura pelo caminho

O desafio duplo de organizar e ganhar

Será um ano decisivo para o esporte olímpico brasileiro

MARIANA LAJOLO

O Brasil repetirá em 2016 o desafio duplo que enfrentou há dois anos, na Copa do Mundo: organizar um gigantesco evento esportivo e buscar um resultado expressivo em casa.

Se seguir à risca a cartilha do Comitê Olímpico Internacional (COI), o Rio deve fazer uma boa Olimpíada, uma festa em que a beleza local e o calor do público minimizarão falhas de organização. Não foi assim na Copa?

Mas, como no Mundial de futebol, a discussão sobre elefantes brancos e estouro de gastos deve ganhar força em 2016. A sede da Olimpíada já deixou promessas de candidatura pelo caminho, como a limpeza da baía de Guanabara. Os investimentos em mudanças na cidade, que consomem boa parte dos mais de R\$ 38 bilhões despendidos nos Jogos, não contemplarão

transformações significativas em questões cruciais, como favelas e segurança. O alcance real do legado olímpico é uma incógnita.

Outras duas questões podem mudar o cenário até agosto. Os atentados terroristas em Paris acenderam o sinal de alerta para a segurança da competição. As crises política e econômica pelas quais o Brasil passa também podem ter efeitos na reta final da preparação, com corte de gastos.

Os Jogos do Rio devem ser os últimos de uma era de investimentos gigantesco. O COI anunciou neste ano a Agenda 2020, com orientações e normas para tornar a competição sustentável e menos custosa. A medida foi tomada graças à debandada de candidaturas de países democráticos que não queriam assumir os custos exorbitantes da aventura olímpica.

Herança

Cenário bem montado, será a hora de os atletas brilharem. E aí a herança da Copa não é positiva. O 7 a 1 colocou ainda mais pressão nos ombros dos competidores.

O COB (Comitê Olímpico Brasileiro) tem como meta chegar a 27 pódios e figurar no top 10 geral. Parece muito se comparado a Londres-2012, quando o Brasil ganhou 17 medalhas. Mas todo país-sede cresce em casa: historicamente, a média é de 13 pódios.

O Brasil tem condições de atingir tal patamar. Para tanto, precisa das conquistas certas de seus favoritos e torcer por modalidades menos habituadas a conquistas.

Os últimos anos mostram uma conta apertada. Em 2013, o país ganhou 30 medalhas em mundiais ou equivalentes. Em 2014, foram 24. Em 2015, devem ser ainda menos.

Algumas modalidades essenciais para a meta não foram bem em 2015. O judô, por exemplo, saiu do Mundial com apenas dois bronzes, pior resultado em seis anos. O vôlei masculino não chegou nem à semifinal da Liga Mundial. Por outro

lado, o vôlei de praia ganhou cinco das seis medalhas possíveis no Mundial.

O primeiro semestre será crucial para que atletas e confederações corrijam rumos enquanto a delegação é formada. Há tempo. Será necessária também atenção especial à cabeça dos atletas. Contar com o apoio da torcida em casa pode até ser um trunfo, mas a pressão também nunca foi tão grande.

Será um ano decisivo para o esporte olímpico brasileiro. Um resultado ruim nos Jogos deve piorar o que já se espera após a Paraolimpíada, em setembro: corte pesado de investimentos e fim de projetos importantes. Um sucesso retumbante, porém, pode amenizar o baque.

27

É o número

de pódios de atletas brasileiros esperado pelo COB na Olimpíada do Rio

Marcelo Camargo/Agência Brasil

A velha busca da medalha inédita

Em 2015, a seleção foi perfeita em partidas amistosas, mas sofreu nos jogos que realmente valiam. Mau presságio?

MARCEL RIZZO

Ainda sob a sombra da goleada por 7 a 1 que levou da Alemanha na semifinal da Copa do Mundo de 2014, a seleção brasileira vai ter um calendário cheio e complicado em 2016. As eliminatórias para a Copa-2018, na Rússia, seguem. O Brasil é o terceiro no torneio, com sete pontos – desempenho avaliado como positivo pela CBF.

O grande objetivo do time em 2016, porém, é mesmo conquistar a inédita medalha de ouro, na Olimpíada do Rio.

O ano da seleção começa em março, contra o Uruguai, no Recife. Na sequência, uma viagem ao Paraguai pode firmar o time em uma das quatro primeiras colocações das eliminatórias –os quatro primeiros garantem vaga direta na Copa. O quinto vai a uma repescagem.

Em junho, haverá a Copa América do Centenário, nos EUA, para a qual o Brasil vai com força máxima. Só dois meses mais tarde é que o técnico Dunga deve comandar um time formado na maioria por atletas até 23 anos, conforme manda a regra nos Jogos Olímpicos.

Salvo imprevistos, Neymar é nome garantido na lista de convocados. Em 2015, a seleção foi perfeita em partidas amistosas, mas sofreu nos jogos que valiam.

Mau presságio?

O primeiro torneio oficial depois do fracasso no Mundial, a Copa América do Chile, em junho, terminou de forma melancólica, com eliminação nas quartas de final diante do Paraguai e com a suspensão de Neymar, após briga com um árbitro.

Sem o atacante, o time de Dunga oscilou. Perdeu para o Chile por 2 a 0, em outubro, nas eliminatórias. Mas a vitória sobre a Venezuela, 3 a 1, ainda sem o craque, amenizou a pressão sobre o treinador. Já com o camisa 10 de volta, o time empatou com a Argentina, fora de casa, e bateu o Peru, em Salvador.



Salvo imprevistos, Neymar é nome garantido na lista de convocados da Seleção para primeiro jogo deste ano, em março, contra o Uruguai, no Recife



Na Argentina, Mauricio Macri tira poder das mãos dos Kirchner após 13 anos

Mundo mais à direita

Após mais de dez anos sob a centro-esquerda, a América Latina viverá uma reorientação na bússola política

LUCIANA COELHO

A chegada de Mauricio Macri ao poder na Argentina após 13 anos sob os Kirchner e a posse, na Venezuela, de uma legislatura majoritariamente de oposição parecem ser uma mudança tão importante quanto a que sacudiu a região no início da década passada. Se será tão transformadora, é cedo para apostar.

Passo similar pode ocorrer no Peru, que vota para presidente em abril, e na Bolívia, onde a chance de um quarto mandato para Evo Morales vai a referendo em fevereiro. Aos nomes emergentes somam-se governos de centro-direita na Colômbia, no Paraguai e no México, já procurados pelos recém-chegados, junto com o centrista Chile, para possíveis alianças.

Um cenário em transe para uma direita em transe. Da mesma forma que a esquerda latina fez concessões ao mercado, essa direita renovada promete manter benefícios criados por antecessores. A ver.

Em outros países, conservadorismos e liberalismos também ensaiam avançar. Nos EUA, que podem eleger sua primeira presidente, a favorita por ora Hillary Clinton encarna a ala mais à direita do Partido Democrata.

Contrasta com um Barack Obama que, liberado de amarras políticas e eleitorais, deve tentar somar o controle de armas a um legado que inclui o acordo do clima, a reaproximação com Cuba, um tratado com países do Pacífico e a reforma da saúde.

O tema é caro à campanha que culmina em novembro, após um ano

marcado por radicalismos e mais de 350 ataques com vítimas, de uma igreja de negros em Charleston a um centro comunitário na Califórnia.

Não faltará temperatura. Para prevalecer sobre Hillary, republicanos terão que lidar com Donald Trump e suas ideias polêmicas, ou correr o risco de alienar parte de sua base e transformar o magnata em concorrente.

O maior movimento à direita, porém, deve ocorrer na Europa, onde o discurso de aceitação será posto à prova. Nacionalismos serão alimentados pelos atentados em Paris e pela onda de refugiados vinda sobretudo da Síria após cinco anos de um conflito, até agora insolúvel, que matou 250 mil pessoas e expulsou 4 milhões.

Mais atentados?

O futuro terá uma geração de adultos corrompidos por uma psicologia radicalizada como resultado dos anos de predomínio do Estado Islâmico

HUSSEIN KALOUT

Os recentes atentados na França, nos EUA, no Líbano, na Turquia, no Kuwait e na Tunísia deveriam gerar um esforço internacional para a reflexão de como inverter o curso de derrota de importantes valores civilizacionais, como paz e tolerância.

O terrorismo possui diversas matizes e não é uma anomalia exclusiva da fé muçulmana, mas uma chaga que ainda contamina outras religiões.

Frequentes palpites sobre os dogmas do islamismo, normalmente, não passam de impressões superficiais daqueles que não conseguem decodificar o cerne de suas doutrinas e pensam que a solução está na necessidade de impulsionar uma Reforma no islã para amainar o extremismo religioso.

Um dos corriqueiros erros que se comete é o de entender o islã como um composto único, homogêneo, rígido, imutável e arcaico, onde tudo parece ser igual ignorando a profundidade de sua diversidade.

Outro equívoco está na percepção de que o islamismo busca a instauração de uma visão messiânica do mundo ou que está numa guerra santa contra o Ocidente cabendo sublinhar que esse conceito nem sequer é originário dos manuscritos do islamismo, mas, sim, da Europa durante a Idade Média.

O extremismo que acomete determinados núcleos da sociedade muçulma-

na está relacionado a três pontos: o entrelace entre política e religião, sem limite entre o poder de um sobre o outro; a ausência de um Estado de Direito; e a hegemonia do neoconservadorismo ala-fista-wahabita, de matriz saudita e escorado no poderio econômico.

A causa do extremismo islâmico, em boa medida, não está atrelada apenas a condições sociais como a marginalização e o desemprego, mas está vinculada a políticas do complexo industrial-religioso sob o poder de alguns países do Golfo.

O manuseio mercantilista da religião por parte de algumas monarquias árabes tem impingido irreparáveis avarias ao islamismo. A deturpação da religião oscila entre a invenção de falsas doutrinas e a fabricação de jurisprudências enviesadas para adaptá-las a interesses estratégicos vide atrocidades na Síria, no Iraque e no Iêmen.

Nesse sentido, um grupo como o Estado Islâmico (EI) é confeccionado para servir de instrumento obscuro de política externa, sem limites para disseminar o mal, o pânico e a desordem, e opera para a aniquilação de todos, de forma indistinta entre muçulmanos e não-muçulmanos.

O cenário para o futuro não é alentador. A clivagem política e a discrepância de visões entre as potências impedem a construção de uma ação coordenada contra o terrorismo. Pior, a filosofia do EI vem sendo disseminada de forma acelerada, contaminando o tecido social e as castas mais jovens dentro e fora do mundo muçulmano. O futuro nos



O perigo de mais atentados, como o ocorrido em Paris em novembro passado, é real, dizem analistas

reserva uma geração de adultos corrompidos por uma psicologia radicalizada como resultado dos anos de predomínio do EI. Além disso, a anarquia na Líbia vem convertendo a região em uma plataforma propícia para o EI. Rodeado por Estados débeis, o país poderá ser a ponta de lança do terrorismo global pós-Síria.

A arquitetura política do mundo contemporâneo e a impotência dos mecanismos de segurança coletiva, além de sua debilidade sistêmica, não permitem um diagnóstico no qual o terrorismo irá arrefecer. Pelo contrário, o perigo de mais atentados é real e o mundo muçulmano será o primeiro a sofrer.

PARA NÃO ESQUECER

MASSACRE NA NIGÉRIA

Segundo a Anistia Internacional, o ataque do grupo terrorista Boko Haram à cidade de Baga, no interior do país, deixou cerca de 2.000 mortos em janeiro (segundo o Exército nigeriano, foram 150 vítimas) e destruiu 10% das casas.

ATENTADO NA SALA DE AULA

Militantes do Al Shabaab, grupo somali ligado à rede terrorista Al Qaeda, invadiram em abril a Universidade de Garissa, no interior do Quênia. Eles atiraram contra os estudantes cristãos, matando 148 pessoas.

BOMBA NO AR

Em outubro, o Airbus A321, da Metrojet, caiu pouco depois de decolar do Egito em direção à Rússia, matando 224 pessoas. A queda foi resultado da explosão de uma bomba, segundo investigadores. O Estado Islâmico (EI) reivindicou a autoria.

TERROR NO HOTEL

Um grupo de militantes armados do grupo Al Murabitun, ligado à rede terrorista Al Qaeda, invadiu em novembro um hotel de luxo em Bamaco, capital do Mali. Os terroristas fizeram 170 reféns, dos quais 20 foram mortos.

LOBOS SOLITÁRIOS

Em dezembro, Syed Rizwan Farook e sua mulher, Tashfeen Malik, invadiram o centro comunitário onde ele trabalhava, em San Bernardino (EUA), matando 14 pessoas. O casal se inspirou no EI, segundo a investigação.

EM FUGA

A guerra na Síria fez milhões de pessoas deixarem o país. A situação gerou uma crise humanitária, na qual mais de 2.000 migrantes morreram tentando chegar à Europa em botes, segundo a Organização Mundial para as Migrações.

